

Núcleo já não é o mesmo

Bandeirante

Às vésperas dos 35 anos, a cidade, que já foi Livre, sofre uma crise de identidade

Fotos: Tina Coelho

A primeira satélite de Brasília, o Núcleo Bandeirante, a única a ser considerada como tal por decreto, vive hoje uma intensa crise de identidade, às vésperas de seu aniversário de 35 anos, que serão comemorados na próxima semana. O Núcleo de ontem, ou Cidade Livre, como era chamado, não é mais aquele de um passado não muito distante. Pelo menos na parte física da cidade. Os barracos de madeira, os únicos que podiam ser construídos na terra dos pioneiros, quase não existem mais. Deram lugar às belas residências em alvenaria, que não deixam nada a desejar às casas das áreas mais nobres de Brasília.

O Núcleo Bandeirante surgiu como cidade-dormitório, pela necessidade de os construtores de Brasília terem onde viver fora do horário de trabalho. Isso em 19 de dezembro de 1956. Conseqüentemente, foi lá que se desenvolveram as primeiras atividades econômicas, que eram incentivadas pela isenção de impostos durante um determinado período. A população de Brasília ainda era muito pequena e, por isso, a economia da época se limitava à revenda e estocagem de produtos para abastecer os primeiros habitantes. Produção, só agrícola, mesmo assim em número reduzido.

Como o projeto inicial da Cidade Livre era sua desativação, logo depois que fosse construída Brasília, o governo só autorizava construções provisórias de madeira. As pousadas e os hotéis simples, destinados a abrigar os operários, também só podiam ser de madeira, bem como os primeiros minimercados. Estes funcionavam quase na base do escambo.

Esvaziamento

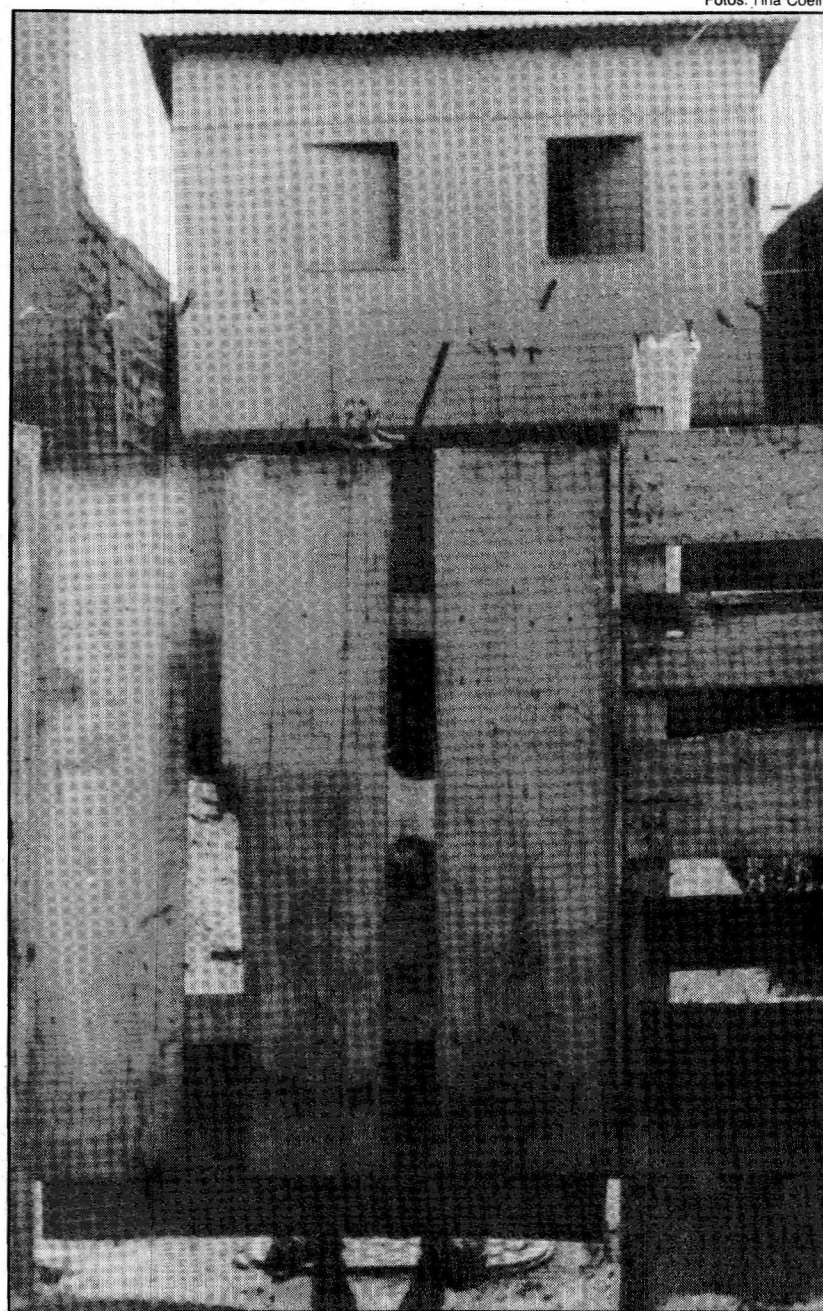
A partir do início da década de 70, a satélite começou a sofrer um processo de esvaziamento. As outras satélites, como Taguatinga e Ceilândia, atraíam um número cada vez maior de pessoas. O Núcleo Bandeirante, na época, possuía uma área de apenas 3,15 quilômetros quadrados e contava com quatro avenidas. Ficava difícil para os grandes armazéns e para as empresas atacadistas se estabelecerem no local, devido à falta de espaço. Até o número de habitantes refletia este esvaziamento. A população do Núcleo, entre 1972 e 1980, segundo dos do IBGE, aumentou apenas em 3.058 pessoas.

As indústrias ganhavam áreas próprias para funcionamento, como o Setor de Indústrias e Abastecimento e o Setor de Indústrias Gráficas. As empresas de outros estados, que vinham para o Distrito Federal, não entravam mais pelo Núcleo Bandeirante. Pior, houve casos de algumas empresas que chegaram a sair da satélite, porque cresciam e não tinham mais onde ficar em apenas quatro avenidas.

Alta tecnologia

Hoje a cidade dos pioneiros tem novas esperanças. No dia 09 de fevereiro de 1990, o Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) aprovou a criação do Setor de Armazenagem, Indústrias e Abastecimento e do Setor de Indústrias Especiais. Este último é o que chama maior atenção, já que abrigará indústrias de tecnologia e de lapidação e produção de jóias. O processo de instalação das indústrias está em fase final, faltando a licitação das áreas a serem ocupadas. A infra-estrutura do local já está pronta.

O pólo industrial de informática e gemologia terá uma área de 185 mil metros quadrados e vai dispor de 149 lotes. O local é entre a Estrada Parque Núcleo Bandeirante e o Setor de Mansões Park Way. O projeto inicial é de que lá se instalem indústrias de produção de tecnologia, manutenção de computadores e de assistência técnica. Além disso, estão previstas indústrias de lapidação de jóias. O projeto é tão moderno que algumas empresas já se comprometeram a dar aulas específicas nas escolas do Núcleo, com vistas a formar mão-de-obra capacitada.



Construções modernas em alvenaria substituem os antigos hotéis de madeira que abrigavam viajantes e operários da cidade livre